
CÂNDIDO MADUREIRA, O ABADE DE ARCOZELO: Uma história acerca dos métodos de leitura e escrita em Portugal (1891)^(*)

Inára Garcia^(**)

RESUMO

O relatório da viagem do professor Luiz Reis à Europa, em 1891, destaca o *Alphabeto Natural* de Cândido Madureira, o Abade de Arcozello. Esta constatação chamou atenção para a relação entre esse manual de leitura e a *Cartilha Maternal* de João de Deus. A análise do debate pedagógico na imprensa apontou para a questão da autoria. Em que medida podemos garantir a originalidade de um e de outro autor? Arcozello, reconhecido pela comunidade acadêmica de seu tempo como importante pedagogo em Portugal, foi apagado pela historiografia, enquanto João de Deus, que teve a originalidade de seu método questionada, foi intensamente considerado pelos historiadores de Portugal. Assim, este estudo permitiu examinar o debate pedagógico, no século XIX, na complexa rede de relações nas quais ele se inscreveu.

Palavras-chave: Abade de Arcozello; João de Deus; Manuais de Leitura.

Ao analisar o relatório da viagem pedagógica do professor brasileiro Luiz Augusto dos Reis, que parte do Rio de Janeiro no ano de 1891 em missão oficial e visita determinadas escolas de Portugal, Espanha, França e Bélgica, observei o destaque do relator acerca do *Alphabeto Natural*, método de leitura e escrita do pedagogo português Cândido José Ayres de Madureira, conhecido em seu país como o Abade de Arcozello. O relator transcreveu inteiramente, destinou sete páginas de seu relatório à carta que recebeu de Arcozello assim que retornou ao Brasil. Neste documento, o abade explica com detalhes os fundamentos de seu método e os modos como os professores deveriam proceder no ensino com as crianças.

Diante das observações feitas no relatório do professor viajante, três questões tornaram-se relevantes. Afinal, quem teria sido esse pedagogo e qual a sua importância no cenário educacional português? Se o professor brasileiro registrou com veemência suas ações pedagógicas e a importância de seu nome no debate educacional português daquela época, por que as marcas de suas ações educativas foram apagadas da historiografia da educação nesse país? Qual a relação entre o *Alfabeto Natural* do Abade de Arcozello, apagado pela historiografia portuguesa brasileira, e a *Cartilha Maternal* de João de Deus, intensamente considerada pelos historiadores desses dois países?

^(*) Este artigo representa parte de minha tese de doutorado intitulada *Um professor em dois mundos: a viagem de Luiz Augusto dos Reis à Europa: 1891*, defendida no Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação da professora Diana Gonçalves Vidal, em 2011.

^(**) Doutora em Educação pela USP, professora substituta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: inaragarcia@yahoo.com.br.

Tendo como base o relatório de Luiz Reis, tratei de estabelecer o diálogo deste com a documentação guardada nos principais arquivos portugueses, os relatórios de inspetores de ensino, a correspondência entre professores e a diretoria de instrução, com destaque para os relatórios dos professores sobre as práticas de leitura e escrita, os processos de autorização do governo para o uso das cartilhas, a bibliografia específica para a questão, a imprensa comum e pedagógica e as obras de Cândido José Ayres de Madureira. Assim, a luta pela autorização, divulgação e vulgarização desses manuais nas escolas elementares forneceram sinais dos usos dos métodos de ensino em Portugal na segunda metade do século XIX.

No relatório, Luiz Reis destacou os métodos pedagógicos utilizados nas escolas visitadas dando um parecer sobre cada um deles. A síntese de suas observações pode ser conferida no quadro seguinte:

Quadro I: Métodos de ensino das escolas primárias em Portugal, por Luiz Augusto dos Reis. (1892, p. 99-105).

Método	Observações
<i>Cartilha maternal</i> de João de Deus	muito conhecido e apreciado, muito adoptado em Lisboa e Porto e que encontra um rival poderoso no methodo do abbade de Arcozello. Julgo desnecessário dar aqui sequer uma ligeiríssima notícia, pois é muito conhecido.
O methodo do Sr. Julio de Brito	professor da antiga escola de ensino mutuo em Belém e actual professor de grammatica e pedagogia nas duas escolas normaes de Lisboa, é dividido em 16 licções e 65 exercicios.
<i>Instrucção popular</i> ; 1º, 2º, 3º livros da escola – O methodo do Sr. Simões Raposo	professor de 2º grau pela Escola Normal de Lisboa, antigo sub-director da Casa Pia, e actual Inspector de Instrucção Primaria. O methodo completo consta de três volumes, o 1º, o 2º e o 3º livro da escola, adquirindo o discípulo por elle grande copia de conhecimentos litterarios e scientificos e salutarissimas licções de moral e hygiene.
<i>Ramalhetinho da Puerícia</i>	infelizmente mal impresso e pessimamente brochado
<i>Methodo legographico</i> de Caldas Aulete	já é usado entre nós por algumas casas de educação, assim como a grammatica e outras obras do mesmo auctor.
Os exercícios preparatórios de composição para uso das escolas por Claudino Dias	já são usados entre nós por algumas casas de educação
<i>Novo livro de leitura</i> , de João de Diniz	bem impresso e encadernado
<i>O methodo de legographico pelo alphabeto natural</i> – systema organo-phonetico e physiologico organizado pelo Abbade de Arcozello.	Adoptado por alguns professores de Lisboa e muitos professores do Porto e aldeias. É digno ter serio e meditado estudo. Elle deu origem a uma grande polemica na imprensa portugueza, e na sua defesa, o Sr. Abbade teve de escrever, além de vários artigos, dois livros. Ao methodo acompanha uma collecção de <i>quadros parietaes</i> destinados a auxiliar o ensino e a tornal-o o mais pratico possível. O methodo merece, quanto a mim, aprofundado estudo de um especialista ou de uma commissão competente e insuspeita.

Os títulos dos manuais em uso nas escolas primárias de Lisboa e Porto dão indícios de que Arcozello e João de Deus não estavam sozinhos. Como podemos perceber da lista dos métodos de ensino em Portugal mencionada no relatório, o professor brasileiro deu relevo ao *Alfabeto Natural* de Cândido José Ayres de Madureira. Ao que tudo indica, na intenção de marcar posição em relação ao método do Abade de Arcozello, ao falar sobre a *Cartilha Maternal* de João de Deus destacou a popularidade da mesma, chamando atenção para o *poderoso rival*, o método de Arcozello. Mais adiante, ressaltou o tal método, propondo que fosse avaliado, no Brasil, por uma comissão *competente e insuspeita*.

Apesar da constatação do intenso debate entre Arcozello e João de Deus, nas historiografias portuguesa e brasileira apenas esse último foi consagrado pela vulgarização de seu método de leitura em Portugal e no Brasil. Daí o estranhamento do registro do relator que enfatizara a polêmica em torno dos métodos de leitura envolvendo o Abade de Arcozello, na disputa pelo reconhecimento e aceitação do método pelas escolas primárias de Portugal. De acordo com Luiz Reis, o método do Abade de Arcozello havia sido testado em diferentes ocasiões e recebera a aprovação de nomes importantes na intelectualidade portuguesa e estrangeira:

O methodo mereceu os mais calorosos elogios dos senhores Dr. Urbino de Freitas, professor da escola médico-cirúrgica do Porto; Dr. Augusto da Rocha, redactor da *Coimbra Médica*; Dr. Felipe de Quental, Dr. Mello Cabral; Dr. Ribeiro de Vasconcellos; Dr. Paulino de Oliveira e Dr. Meirelles Garrido; todos lentes da Universidade; Dr. Daniel de Mattos, professor da Faculdade de Medicina, Hugo Wernekee, philologo e pedagogo muito conhecido e conceituado na Allemanha, onde é reitor do Lyceu de Weimar. (REIS, 1892, p. 101)

Mas quem teria sido esse pedagogo e qual a sua importância no cenário educacional português? Em busca de respostas examinei as ações pedagógicas de João de Deus e Arcozello incluindo o intenso debate sobre os métodos de leitura observados na documentação examinada.

A POLÊMICA EM TORNO DOS MÉTODOS DE LEITURA EM PORTUGAL

Ferreira Deusdado¹, em *Dicionário de Educadores Portugueses*, escreveu em 1909 que

Candido José Ayres de Madureira (1825-1900), conhecido como Abade de Arcozello foi inquestionavelmente um dos mais nobres e desinteressados missionários da

¹ Manoel Antonio Ferreira Deusdado (1857-1918), concluiu em 1881 o curso de letras, tornou-se professor liceal com concurso em 1890. Foi vogal do Conselho de Instrução Pública e relator dos programas liceais de história, geografia e filosofia. Em 1887, foi nomeado lente auxiliar do curso superior de letras. (NÓVOA, 2003. *Dicionários de Pedagogos Portugueses*).

instrução em Portugal. Educado e ordenado no Seminário episcopal do Porto, foi no ano de 1857 provido na freguesia de Custodias, sendo despachado em 1860 para a freguesia de Arcozelo, Concelho de Gaia, que pastou durante 35 anos, e donde se adveio o popular nome de Abade Arcozello.

De acordo com Deusdado, o método do Abade de Arcozello espalhou-se bastante no Brasil, “chegando um editor de lá a oferecer-lhe uma soma importante pela propriedade literária do método”. Segundo o biógrafo, além do *Alfabeto Natural*, publicado em seis edições, ele produziu diversos livros de pedagogia e ensino escolar, dirigiu durante doze anos a Escola Vasco da Gama, onde estabeleceu “aula noturna imensamente frequentada por adultos, trabalho que sempre desempenhou gratuitamente, assim como fez adoptar o seu método em centenas de escolas da província, aonde ia explicar aos professores o sistema de ensino pelo *Alfabeto Natural*”. Justino Magalhães, em *Educadores Portugueses* (NÓVOA, 2003), referindo-se ao verbete de Deusdado sobre o abade, registrou que a obra desse educador constituiu-se em elemento valioso para estudar a importância dos debates metodológicos daquele período da história da educação.

Apesar de extensivamente exaltado pelos biógrafos e pela imprensa da segunda metade do século XIX, atualmente, a referência ao nome do Abade de Arcozello, dá-se, tanto em Portugal quanto no Brasil, exclusivamente pela sua associação à Cartilha Maternal de João de Deus, onde ele aparece como editor e amigo que ajudou o prestigiado poeta português a publicar o conhecido manual de leitura. Instigada pela pouca visibilidade das ações pedagógicas de Cândido Madureira na historiografia da educação, busquei o que foi possível apreender de sua obra² na imprensa e nos documentos da diretoria de instrução, sob a guarda dos arquivos portugueses. Mas, qual seria o benefício em se investigar os bastidores de uma polémica anunciada? Que aspectos esse tipo de exame poderia acrescentar à cultura material escolar, mais especificamente à questão dos manuais pedagógicos, nos dois mundos considerados? Qual a dimensão das ações educativas desses dois pedagogos portugueses?

Tal investigação aproximou o nome do Abade de Arcozello ao de João de Deus (1830-1896). O consenso a respeito da contribuição de João de Deus para o ensino a leitura em Portugal

² O Abade de Arcozello produziu as seguintes obras: *Alphabeto Natural*. Lisboa: Ed. David Corazzi, 1887. Biblioteca do povo e das escolas – Propaganda de instrução para portugueses e brasileiros – Colaboração com artigo sobre o Alfabeto Natural; *Processo de leitura pelo Abbade de Arcozello*. Porto: Thip. António José da Silva Teixeira, 1876; *O Abbade de Arcozello e o Público*, 1883 (BPMP, Cota; M4, p. 6-98); *Métodos e Pedagogia encartados*. Porto. Ed: António José da Silva Teixeira, 1888; *História dos methodos de ensino de linguagem desde Castilho*; *O amigo da infância* – Noções elementares de doutrina cristã, deveres do homem em geral. Porto: Ed: Typographia de António José da Silva Teixeira, 1879; *O estudo da fala de Ernesto Legouvê*. Porto: Ed. Livraria Portuense de Chavel & Cia, 1882 (Tradução de Cândido José A. Madureira); *As Conferências pedagógicas no Porto, presididas pelo Sr. Simões Lopes*. Porto: Tipografia de A. J. Silva Teixeira, 1883.

na segunda metade do século XIX pode ser observado nas obras de autores portugueses. Carvalho (2001) e Fernandes (1992; 2004), entre outros nomes da historiografia portuguesa, reconheceram a importância e a dimensão tomada pela *Cartilha Maternal* de João de Deus publicada em 1876, para o ensino da leitura em Portugal. Para os dois autores, o método de João de Deus foi a inovação metodológica mais relevante no ensino primário português. No entanto, ambos sinalizam para a tensão criada na disputa pela aceitação desse método pelos defensores de uma legítima *ciência da educação*.

Entre os documentos sobre a aprovação de manuais escolares encontra-se o processo de João de Deus, em 1880, questionando o governo sobre os motivos de não ver seu manual de leitura incluído na lista de cartilhas aderidas pelos professores das escolas elementares. Foi interessante observar a forma como o pedagogo se empenhou, a fim de forçar o governo a não só reafirmar seu método como oficial, mas, principalmente, a torná-lo obrigatório nas escolas de todo país. Os manuscritos relativos à instrução pública dão sinais da tensão em que o poeta fora envolvido, com a iniciativa do governo em tornar a *Cartilha Maternal* como método de leitura oficial português. A medida provocou o então atual inspetor escolar da cidade do Porto e professor da escola normal, António Simões Lopes, que passou a questionar a parcialidade do governo nessa questão. Para Simões Lopes, a forma “demasiadamente eloquente” com que, na câmara dos deputados na sessão de 20 de março de 1878, fora citada a *Cartilha Maternal* de João de Deus, desconsiderou os demais métodos de ensino existentes no país (TORRE DO TOMBO, caixa 147).

Com tal argumentação, o professor sugeriu que fosse nomeada uma comissão para apurar, na prática, qual dos métodos daria melhores resultados em um curso com duração de três meses no qual se confrontariam o método “inventado” por Simões Lopes, professor da escola normal do Porto, e o método de João de Deus. Para Simões Lopes, “se os resultados obtidos nesse ensaio forem iguais por ambos os métodos, V.M. haja por bem conceder ao proposto pelo signatário o mesmo auxílio oficial que houver por bem conceder ao da *Cartilha Maternal*” (TORRE DO TOMBO, caixa 147). A esse documento se juntaram dois outros requerimentos de professores, buscando as mesmas oportunidades a que teriam direito os dois autores citados.

A decisão do governo, anexada ao processo, resolveu que somente o método João de Deus fosse submetido a um confronto com o *método usual*. A partir de então, a dificuldade de se encontrar o lugar ideal, além de crianças totalmente analfabetas e ainda professores que se dispusessem a testá-lo, acabou por atrasar as aulas programadas. No maço das fontes referentes ao processo de João de Deus há indícios de que as aulas aconteceriam na Escola Maria Pia e de que os três professores indicados pelo autor da *Cartilha Maternal* não aceitaram a incumbência de

participar do tal confronto (TORRE DO TOMBO, caixa 147). No requerimento de 5 de julho de 1880, João de Deus protestou ao que considerou *indiferença* do governo no tratamento de uma questão tão importante:

Tendo-se passado meio ano sem ainda se proceder ao confronto de meu método de leitura com o chamado methodo usual, como dispunha a portaria de 10 de dezembro de 1879 e tendo nesta expectativa deixado de tomar em câmaras e juntas de districto como ultimamente a junta do distrito do Porto, deliberações favoráveis a propaganda do método com prejuízo meu, da desgraçada infância, e de todo este paiz onde os analfabetos constituem a porcentagem de 95,5 dos habitantes – graças ao método official (se assim se pode chamar os das escolas normais) e outros semelhantes. (TORRE DO TOMBO, caixa 147).

Em 1888, a imprensa registrou a decisão oficial do governo no projeto de lei que decretaria a *Cartilha Maternal* de João de Deus, o método nacional, com a nomeação do autor como *comissário vitalício* recebendo um ordenado de 900\$000 réis. O fato reacende o debate na imprensa entre os que se colocavam a favor da decisão e os que criticavam o governo pelo tratamento *arbitrário* na consideração dos manuais de leitura para as escolas elementares. O redator do jornal *A Federação Escolar*, no dia 12 de fevereiro de 1888, convocou o professorado a participar, a fim de impedir a aprovação do projeto na câmara dos deputados:

Que motivo haverá para tornar este, e não outro methodo, nacional, quando ainda a sciencia não deu a última palavra. [...] Imaginemos que o sr. João de Deus póde viver, pelo menos mais 30 annos, (nós de todo coração lhe desejamos a mais longa vida para a glória da nossa literatura); é para esperar e não pode deixar de acontecer, que apareça outro processo mais aperfeiçoado, se na verdade alguns dos já existentes lhe não são já superiores. Eis nos, pois, estacionados por uma medida que só teve por fim render um preito e pagar uma dívida ao mimoso poeta. (A FEDERAÇÃO ESCOLAR, 12 fev. 1888).

Para o editor d'*A Federação Escolar*, a proposta do projeto que nacionalizava o processo de ensino da leitura de João de Deus não tinha nenhuma razão pedagógica, uma vez que poderia ser entendido como “um preito a uma homenagem, é uma obra de misericórdia”.

Contrariamente, na *Revista Educação e Ensino*, de 1888, Ferreira-Deusdado elogiou e valorizou a aprovação do projeto de lei que tornava João de Deus o comissário de instrução pública, afirmando que essa medida se justificava pela dívida de reconhecimento e justiça que o país tinha com seu poeta que “poz, modesta e despretensiosamente, todo seu talento e todo seu coração ao serviço da causa sympatica da instrução popular”.

Com essa introdução, Deusdado transcreveu o relatório final da comissão do governo de onde destacamos o entendimento final do governo a respeito da questão:

A comissão de instrução primária e secundária, da câmara dos senhores deputados, aceitou o projeto inicial, exceto na parte em que se declara método nacional pelas razões expostas no relatório seguinte – Não julga conveniente, que este ou qualquer outro método deva ser declarado nacional, resultando daí a sua adoção exclusiva, imposta aos professores (DEUSDADO, 1888).

É interessante observar a importância do debate sobre os métodos, a tensão entre os sujeitos educativos e os resultados das ações do governo, possivelmente surgidos de negociações entre os grupos envolvidos nas questões pedagógicas daquele tempo. Ao que tudo indica, a resistência do professorado português instalado nos mais diferentes lugares sociais, dificultou a homogeneização dos usos dos métodos de ensino nas escolas primárias em Portugal.

Nesse mesmo ano em que se tornara *comissário do governo*, João de Deus queixa-se, por carta enviada ao governo, de que ainda não vira nessa regalia sua *invenção* ser adotada pelos professores, nem trabalhada nas principais escolas normais do país (TORRE DO TOMBO, caixa 147). Ressalto que o incentivo do governo à produção de métodos de ensino se manteve, permitindo que múltiplos títulos de cartilhas circulassem pelo país, principalmente, os manuais *inventados* pelo professores das escolas normais portuguesas, causa principal, segundo João de Deus, da falta de interesse dos professores na adesão da *Cartilha Maternal*.

Nesse embate pela autorização, divulgação e vulgarização dos métodos de ensino em Portugal, encontramos o Abade de Arcozello defendendo o *Alfabeto Natural*, que teve sua primeira edição em 1876. Em *O Abade de Arcozello e o Público*, lançado em 1883, o religioso reagiu à publicação de um panfleto que lançava dúvidas sobre a validade de se ensinar pelo *Alfabeto Natural*. Em resposta, Cândido Madureira ressaltou que, aqueles que não conheciam os fundamentos do método não conseguiam aplicá-lo, e essa era a principal razão da dificuldade dos professores em usar seu método de leitura: “o despreparo dos docentes em relação à fisiologia, à anatomia das palavras e à questão fonética”. Segundo ele, esses saberes dos homens da ciência, dos médicos e dos mestres da língua deveriam ser adquiridos por aqueles que se propunham ao ensino da leitura e da escrita nas escolas elementares. A partir de então, empenhou-se em provar a eficácia de seu método, acreditando na estratégia da demonstração da prática pedagógica com crianças analfabetas, e na busca pela comprovação de cientificidade autorizada por homens credenciados pela ciência.

O jornal *Primeiro de Janeiro*, em outubro de 1883, registrou a intervenção do Abade de Arcozello na alfabetização de um surdo. Relatando o caso, Henrique Pinto conta que Raul Moura Coutinho, de quinze anos, fora entregue aos cuidados do abade a fim de que o pedagogo o ensinasse a falar. Segundo o relator, o abade conseguiu que o aluno “lesse fallando, fazendo-se bem perceber, e escrevesse dictado (escreve dictado porque a maior parte das letras conhece-as, vendo mover os órgãos da falla, e sabe o que elles produzem). Quando a família me veio visitar e lhe ouviu dizer a palavra – carro – ficou deveras surprehendida”.

Apesar do anunciado sucesso de sua ação pedagógica, a análise das fontes demonstrou a luta do Abade de Arcozello para defender e divulgar seu método em diferentes ocasiões. Tal como João de Deus, o pedagogo apostou principalmente na estratégia do reconhecimento oficial e, para isso, propôs à câmara municipal do Porto, que encomendasse pareceres a quem, de alguma forma, tivesse contato com a aplicação do *Alfabeto Natural*. A encomenda resultou num conjunto de cartas assinadas por diferentes pessoas, atestando o valor do método de Arcozello.

Vale lembrar que esses pareceres, representados por Arcozello como “provas de verdade”, compõem a apresentação das obras de sua autoria, a saber, *O Abade de Arcozello e o Público* e *História dos methodos de ensino da linguagem em Portugal desde Castilho*³. Portanto, é possível que tenham sido resultados de seleção criteriosa feita pelo próprio autor que elegeu sujeitos imbuídos de uma legitimidade social como padres, professores, um político e um médico, o que atribuiu autoridade ao discurso. De modo geral, os pareceristas sublinharam a eficácia do modelo, a disposição do abade em divulgá-lo, a busca por seu aprendizado e as vantagens de seus resultados sobre as demais cartilhas em uso, realçando, principalmente três aspectos importantes para Arcozello: a economia do tempo, o caráter científico e a comprovação dos resultados pela prática. Os resultados dessa enquête sinalizaram também as relações sociais em que Arcozello se envolvera e o investimento do religioso na divulgação e na vulgarização de seu método de ensino.

Em *Biblioteca do povo e das escolas de 1887*, Arcozello buscou provar o caráter científico do *Alfabeto Natural*, pedindo ao amigo Urbino de Freitas, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, que fizesse a apresentação do manual. O médico, professor da Universidade de Coimbra, a fim de se assegurar dos fundamentos do abade na composição do método, enviou o *Alfabeto Natural* ao mestre em linguística, Hugo Wernekee, reitor do Liceu de Weimar na Alemanha. Desse modo, o parecer do pedagogo alemão ao trabalho de Arcozello fez parte do texto introdutório da publicação do método em 1887. De acordo com Wernekee, “o método em questão se aproximava

³ Um quadro demonstrativo dos pareceristas e suas considerações encontra-se em Garcia (2011).

aos estudos de Fröebel e que ele se encontrava perfeitamente convencido da superioridade do método em questão aos outros mais conhecidos ou empregados”.

O aspecto científico ao método foi conferido também pelos membros da Faculdade de Medicina de Coimbra, provavelmente acionados por Urbino de Freitas, defensor do método, e amigo de seu autor. Na apresentação da quinta edição do *Alfabeto Natural*, Cândido Madureira transcreveu as cartas recebidas dos professores da universidade que assistiram o curso realizado no Colégio Misericórdia de Coimbra, onde havia demonstrado o uso do método aos professores e alunos do colégio e da Universidade de Coimbra no ano de 1887⁴.

De acordo com Arcozello, a iniciativa de incorporar esses relatos no seu *Alfabeto Natural*, quando do lançamento de sua quinta edição, em 1889, foi tomada a fim de contrapor ao parecer emitido pelo grupo de professores da escola normal do Porto, em 1888, sobre a validade de seu método de leitura e escrita. Com base na documentação analisada, é possível considerar que a relutância sobre o uso do *Alfabeto Natural* pelas escolas normais poderia estar associada ao fato de que os inspetores de ensino, além dos professores das escolas normais, serem produtores de cartilhas para leitura e escrita. É possível que o método do Abade de Arcozello, por essa razão, não tenha vencido a resistência dos professores e, com isso, teve seu uso limitado ao que pode ser ensinado pelo próprio abade e seus discípulos nas oportunidades que tiveram para divulgar e colocar em prática o *Alfabeto Natural*.

Na introdução do opúsculo, o autor criticou os educadores por insistirem nos “caducos processos das velhas escolas” para o ensino da leitura. Para o autor, o método comum para ensinar a ler e escrever é “árido e embrutecedor, não há nada mais difícil que decorar”. Seria preciso ensinar a criança, fazendo-a compreender o que é a voz, a inteligência e o raciocínio. Com base na compreensão dos princípios que produzem os sons e as vozes, as crianças precisariam entender “o quanto a natureza foi sábia dando à nossa boca a fôrma de uma abóbada, à laringe, a perfeição de um tímpano, e ao ouvido o privilégio de um prisma, pois que se este decompõe as cores, aquele decompõe os sons”.

Considerando todo o debate pedagógico e o esforço de Abade de Arcozello em provar a eficácia do seu método de leitura, em plena disputa com a *Cartilha Maternal* e muitos outros manuais de leitura, como se explicaria ter sido Cândido Madureira o editor da *Cartilha Maternal* de João de Deus? Qual a relação entre a *Cartilha Maternal* e o *Alfabeto Natural*?

⁴ Em Garcia (2011) encontra-se um quadro com os principais trechos das cartas enviadas pelos pareceristas.

Na quinta edição do *Alfabeto Natural* podemos encontrar parte dessa história. Arcozello conta que, a partir daí, em 1875, recrutou três meninos para tentar pôr em prática o que seria o método de João de Deus. A fim de conseguir um melhor entendimento das crianças, foi adaptando a forma de ensinar às necessidades que percebia na aplicação do método: “esforçando-me sempre para que lessem sem soletrar, consegui que em vinte lições elles lessem quando eu lhes escrevia”. Após o *sucesso* da experiência, o abade sugeriu a João de Deus que ele “fizesse a cartilha para lh’a inaugurar na escola que ia abrir-se em breve”. De acordo com o abade, João de Deus lhe enviara, em resposta, “um manuscrito *obsuro* em que se percebia claramente que não tinha avançado em nada desde a conversa de 1873”. Segundo ele, desde essa data vinha insistindo com João de Deus para que terminasse a escrita da cartilha.

A partir de então, com a ajuda do irmão de João de Deus que lhe trouxera, dias antes da inauguração da escola, três quadros parietais relativos às três primeiras lições, ambos trabalharam *dia e noite* para confeccionar os demais quadros e lições, a fim de completar a *Cartilha Maternal*. Conta Arcozello que depois de produzida a cartilha, com base nas experiências com crianças e nos fundamentos apresentados no esboço das lições enviadas por João de Deus, iniciou-se “uma revolução que se há avultado em todo paiz, tendo o seu começo numa aldeia obscura, em Arcozello de Gaia, onde se inaugurou a *Cartilha Maternal* no ano de 1875”.

Diante da insistência de Arcozello para que João de Deus editasse a *Cartilha Maternal*, o poeta sugeriu que o abade tentasse editar a cartilha na cidade do Porto, pois, segundo o poeta, os editores de Lisboa “nem de graça”, aceitariam a publicação de seu método. No entanto, segundo Arcozello, os editores do Porto também se mostraram receosos de que a novidade não fosse bem aceita, rejeitando a proposta, por mais que ele tivesse garantido os bons resultados colhidos na prática. Tal impedimento fez com que Arcozello editasse, às suas custas, a *Cartilha Maternal*. Segundo o abade, “durante esses quatorze mezes em que a doutrina da cartilha passava da cabeça de João de Deus em meias folhas e quartos de folha para os prelos do sr. Antonio José Silva Teixeira, aqui no Porto, despendi 800\$000 réis!”. A cartilha foi bem aceita e, para o Abade Arcozello, a propaganda da *Cartilha Maternal* deveu-se, sobretudo, ao seu esforço, fazendo com que a primeira edição logo se esgotasse e pagasse o investimento inicial.

Arcozello reconhecia, contudo, que a *Cartilha Maternal* não dava conta de superar as dificuldades no ensino da leitura e escrita. Segundo ele, sua prática mostrara que seria preciso descobrir, ainda, a base de um processo fácil, natural e eficaz para o aprendizado da leitura e escrita. Ele pondera que

[...] no empenho de longa luta em presença do que me oferecera João de Deus no seu manuscrito, contendo, como disse, nomes de letras e um syllabario, apenas diferenciados em côres, como conseguiria, alguém, ensinar a ler com a rapidez e perfeição que se me antolhára? (ARCOZELLO, 1886, p. 15).

Para o autor, foram as modificações no uso da *Cartilha Maternal* que tornaram o ensino mais rápido e eficaz. Mas, até então, essas modificações não haviam sido, todas elas, incorporadas no manual de leitura de João de Deus. Ele relata ainda que ao comunicar a João de Deus a necessidade de uma nova edição, o poeta lhe informara que João da Costa Terenas, em Lisboa, teria se interessado pela segunda edição do manual de leitura e que havia contratado o editor “para todos os seus escriptos, incluindo a *Cartilha Maternal*!” (ARCOZELLO, 1886, p. 20-21). A partir de então, conta Arcozello ter se sentido livre para desenvolver, ao seu modo, uma cartilha que, com base nos preceitos da ciência, haveria de resolver o problema da alfabetização em Portugal. Considerando, então, os estudos de Chervée, organizou o *Alfabeto Natural*, com o qual trabalhou e procurou divulgar e defender no período em que esteve no magistério.

Quanto pensei a sós commigo para descobrir a base em que assentasse um processo fácil, natural e eficaz!? Depois d’estas lucrubações, foi-se-me patentiando na prática o que mais tarde formulei em methodo, o Alphabeto Natural. [...] O systema que hoje adopto e que se denomina phonetico-phisyologico, ainda então, o não possuía completo, tinha para ele já alguns dados, e ia descobrindo outros na prática. [...] Inculcava-me, é certo, pelo methodo João de Deus, mas este ainda ao tempo não apparecera e o meu processo, que afinal organizei, era o que eu ia investigando e desenvolvendo com o ensino pela *Cartilha Maternal*. (ARCOZELLO, 1886, p. 17-19).

Menezes (2011), ao considerar as ações pedagógicas de João de Deus, acompanhou as notícias sobre a reação do poeta e de Terenas, editor da segunda edição da *Cartilha Maternal*, à publicação do *Alfabeto Natural* por Arcozello. No jornal do Comércio de Lisboa e Porto, em 1879, João de Deus acusou o abade de ter plagiado a *Cartilha Maternal*, na declaração de que,

[...] a escola em que o abade lecionava era a Vasco da Gama, e, nela, faltam todos os materiais e procedimentos que são peculiares ao método Chavée. Mas é esse o método que realmente segue o reverendo abade? – Não. O método que segue o reverendo abade não é o método Chavée; é o mesmo dele, é o mesmo meu... (JORNAL DO COMÉRCIO, 1879).

Sobre a polêmica em torno da troca de editores da *Cartilha Maternal*, Menezes (2011) transcreve a versão de João de Deus divulgada no mesmo jornal. De acordo com João de Deus:

Pus-lhe no frontispício do método o título de amigo, e ele aceitou-o; hoje há por esse mundo mais de 30 mil monumentos desta nossa amizade... É nestas circunstâncias, e outras igualmente ponderosas, que na pavêa de ignóbeis que a inveja do método aí ceifou em tão vasta seara de homens, se vê uma cabeça espigando mais alto, a cabeça do meu amigo e apóstolo Abade de Arcozello. (JORNAL DO COMÉRCIO, 1879).

As considerações dos estudos de Menezes (2011) coloca sob suspeita a história contada por esses dois pedagogos. O fato de que a primeira edição da cartilha de Arcozello, publicada em 1876, deveu-se ao impedimento de publicar a segunda edição da *Cartilha Maternal*, fica, agora, questionado, uma vez que a versão de João de Deus trouxe outros elementos para se pensar a questão. O certo é que encontrava-se em jogo a disputa pelo poder da prescrição e pelo comércio editorial em voga na segunda metade dos oitocentos, sem deixar de se considerar a importância da preocupação pedagógica desses dois autores, como nos alerta Faria Filho (2000), Vidal (2005) e Hilsdorf (2006).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É possível pensar que todo o esforço de Arcozello em defender seu método tenha sido provocado pelas críticas que recebeu do autor e dos defensores da *Cartilha Maternal* após a publicação do *Alfabeto Natural*. Nas obras pedagógicas que produziu, combinou resultados de sua prática com crianças analfabetas com pareceres de “autoridades ilustres” como estratégias de defesa, convencimento e divulgação de seu *Alfabeto Natural*. Em *O Abade de Arcozello e o público*, de 1883, o pedagogo transcreveu a resposta que dera na ocasião da denúncia de João de Deus. De acordo com o religioso, apesar da *Cartilha Maternal*, na sua primeira publicação, já conter parte de seu pensamento pedagógico, somente com a prática do método com crianças analfabetas é que ele tinha avançado na concepção do que seria a melhor e mais rápida forma de ensinar a ler e escrever: “para os críticos a nenhum parece útil, nem mesmo conveniente, que para se ensinar a lêr se deva ensinar também aos *analphabetos como funcionam os órgãos da palavra na pronúncia de tal e tal letra*” (MADUREIRA, 1883).

No entanto, essa oposição, para o autor, partia de quem se acomodara com os métodos tradicionais e arbitrários cuja prática não confirmava os resultados esperados. Tal concepção foi partilhada por Ferreira-Deusdado (1909), quando reconheceu a importância do método de Arcozello para a erradicação do analfabetismo em Portugal, e para a aceleração do tempo gasto no aprendizado da leitura e da escrita. O biógrafo responsabilizou a imobilidade em que se encontrava a maioria dos educadores portugueses naquela época, pela resistência em ensinar pelo *Alfabeto*

Natural, repetindo a opinião do parecerista Domingos de Almeida Ribeiro em 1881: “Se os nossos professores se habilitassem com esta aprendizagem do *Methodo Natural*, a nossa população toda saberia ler dentro de um anno”.

Em *História dos métodos de ensino em Portugal*, de 1886, Arcozello retomou essa discussão, apresentando o *Alfabeto Natural* como o resultado de suas experiências não incorporado ao método de João de Deus:

Cabendo-me por sorte o apostolado do methodo de João de Deus, este me serviu de ocasião e estímulo para coordenar o Alfabeto Natural, que por certo não viria à luz com semelhante nome, se o auctor da Cartilha Maternal aceitasse para refundição d’esta o resultado de minhas investigações durante seu apostolado. (p. 37-38).

Como podemos perceber, de acordo com o abade, sua intenção seria a de incorporar essas modificações na segunda edição da cartilha; só não o fez pela decisão de João de Deus em trocar de editor. Na luta pelo reconhecimento e na defesa de sua originalidade, o abade de Arcozello procurou marcar a distância do seu método em relação ao de João de Deus, fazendo uma extensa discussão a respeito dos fundamentos de seu método, na qual afirmou que o *Alfabeto Natural* nada tinha a ver com a *Cartilha Maternal*: “O Abbade d’Arcozello é que teve tudo com a Cartilha Maternal, por que a proclamou e propagou pelo paiz, graças aos resultados que ás suas mãos aquella dava” (ARCOZELLO, 1886, p. 3)⁵.

Ao que tudo indica, para Arcozello a aproximação de seu método com os princípios do método intuitivo, estaria mais ligada à percepção, pela criança, do processo de produção, e o caminho do som até a completa articulação da palavra mais do que propriamente à associação entre a imagem de uma coisa ou a representação gráfica da palavra que a representa. A criança deveria ser ensinada a perceber as vibrações do som, apalpando diretamente o lugar onde os diferentes tipos de sons se produziam.

Por outro lado, para João de Deus, na terceira edição da *Cartilha Maternal*, seu método deveria, atender ao ensino intuitivo, partindo da grafia da palavra para a sua análise pelos fonemas que a compunham. Cada sílaba se diferenciava da outra pela cor e pelo tamanho da letra, para que o aprendiz distinguisse as partes do todo. Para ele, o método deveria ser considerado o mais natural possível, pois tinha como base a forma como a mãe ensinava o filho a falar no ambiente da casa. Primeiro a palavra bem articulada e, depois, a compreensão do significado pela criança.

⁵ Para a análise das diferenças entre o *Alfabeto Natural* e a *Cartilha Maternal*, confira Garcia (2011).

Sem a intenção de aprofundar o estudo a respeito dos processos linguísticos, considere a polêmica sobre os métodos de ensino nos diferentes ângulos de observação: na visão do abade, no olhar de João de Deus, na imprensa pedagógica e nos papéis da administração pública portuguesa. O procedimento nos alerta, para a questão da autoria de uma obra. O que poderíamos entender a respeito do pensamento pedagógico de João de Deus? Em que medida podemos garantir a originalidade de um e de outro autor?

Para os professores “comuns” e, principalmente, para um professor voluntário, sem remuneração, inserido na esfera particular de ensino, como foi o caso do Abade de Arcozello, a visibilidade adquirida terminava com o afastamento das atividades docentes. Esse religioso foi reconhecido pela comunidade acadêmica e política de seu tempo como importante pedagogo que lutou pela erradicação do analfabetismo em Portugal. Para Felgueiras e Garcia (2010), seu lugar de homem da igreja, mais aproximado da monarquia fez com que, após sua morte em 1900, suas ações pedagógicas fossem apagadas pela imprensa e pelo professorado. O método provavelmente caiu em desuso, logo que seus seguidores também abandonaram suas atividades docentes.

Situação diferente ocorreu com autores que, de certa forma, encontraram meios de continuar a divulgação de suas *criações* pedagógicas. Como exemplo, o poeta João de Deus, deputado do partido republicano, que teve a eficácia e a originalidade de seu método questionadas nas últimas décadas do século XIX em Portugal e, ainda assim teve seu nome preservado pela historiografia. Desta forma, é possível que o fato de João de Deus ter recebido o título de comissário geral do governo tenha produzido uma tradição historiográfica, pela qual se perpetuou a noção de consenso na aceitação e no uso da *Cartilha Maternal* pelo professorado primário. O debate na imprensa pedagógica e a consideração das listas de cartilhas indicadas para as escolas primárias daquele tempo não confirmam essa tradição, principalmente no que se refere às últimas décadas do século XIX. A cartilha de João de Deus não aparece na documentação como a mais utilizada, ao contrário dos manuais de leitura produzidos por diretores e professores das escolas normais que foram, também, inspetores de ensino. Estes últimos, claramente se sobressaíram na preferência dos professores primários portugueses e brasileiros.

Felgueiras e Garcia (2010) sugerem três hipóteses bastante prováveis acerca do destaque e manutenção do nome de João de Deus nas historiografias portuguesa e brasileira. A primeira delas associa-se à sua ligação com o partido republicano. A segunda, pelo fato de seu filho, João de Deus Ramos, ter permanecido na direção das escolas móveis pelo método da *Cartilha Maternal* e ter criado os Jardins Escola João de Deus, onde o método era e é usado até hoje. A terceira, devido aos descendentes do poeta terem assegurado por um significativo tempo a direção do Jardim Escola

João de Deus, em Lisboa, local em que divulgaram e ensinaram o método aos professores formados na instituição no período em que se mantiveram no cargo. A criação do Museu João de Deus, com o apoio da intelectualidade republicana, contribuiu para a manutenção, divulgação do método e da obra de João de Deus, agora com novos objetivos, a educação em jardim de infância.

Certamente a discussão sobre os métodos de leitura e escrita circulava entre os mundos, causando tensão e disputas entre os sujeitos envolvidos neste debate. No entanto, podemos associar a esse fato o empenho de Luiz Reis em divulgar o uso do método do Abade de Arcozello na alfabetização dos surdos-mudos, visto o caso do abade ter conseguido alfabetizar e fazer um surdo falar pelo método do *Alfabeto Natural*. É possível considerar, ainda, a oportunidade de atender ao interesse de Menezes Vieira voltado para o tema⁶.

O relatório de Luiz Reis, ao chamar atenção para o nome de Cândido José Aires Madureira, o Abade de Arcozello, permitiu examinar os métodos pedagógicos pela experiência individual desse pedagogo, destacando, ao longo de um destino específico, como ensina Revel (2001), – o destino de um homem, de uma comunidade, de uma obra – a complexa rede de relações, a multiplicidade dos espaços e dos tempos nos quais ela se inscreve. Para tanto, os manuais escolares, as revistas educativas, a imprensa comum e pedagógica foram fundamentais para a percepção dos sentidos construídos por agentes promotores da educação portuguesa, na ocasião em que se deram suas ações pedagógicas.

⁶ No Brasil, o *Alphabeto Natural* do abade de Arcozello foi apropriado pelo professor Felipe Pestana para o uso na escola noturna do Liceu Português em 1885 – *Cartilha de aprender a ler e escrever com base do método do abade de Arcozello para uso nas escolas noturnas brasileiras*.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Rômulo. *História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar Caetano*. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- FARIA FILHO, Luciano. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane; FARIA FILHO, Luciano; GREIVE, Cintia. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FELGUEIRAS, Margarida; GARCIA, Inára. Bibliotheca do povo e das escolas: a circulação de ideias pedagógicas e a cultura material escolar em Portugal na segunda metade do século XIX. In: *Anais do VIII Congresso Luso-brasileiro de história da educação*. Maranhão, 22-25 ago. 2010.
- FERNANDES, Rogério. *O pensamento pedagógico em Portugal*. 2. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1992.
- _____. Histórias das inovações educativas (1875-1936). In: FELGUEIRAS, Margarida; L. MENEZES, Maria Cristina. (Orgs.). *Questionar a sociedade, interrogar a história, repensar a educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2004. p. 585-598.
- FERREIRA-DEUSDADO, M. A. *Educadores Portugueses*. Angra do Heroísmo, 1909.
- GARCIA, Inára. *Um professor em dois mundos: a viagem de Luiz Augusto dos Reis à Europa:1891*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo, USP, 2011.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HILSDORF, M. L. Da circulação à circularidade: propagação e recepção de ideias educacionais e pedagógicas no oitocentos brasileiro. In: PINTASSILGO, J. et al. *História da escola em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Edições Colibri, 2006. p. 65-88.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- MADUREIRA, C.J.A. *Alphabeto Natural*. Lisboa: David Corazzi, 1887.
- _____. História dos methodos de ensino de linguagem em Portugal desde Castilho. Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, 1886.
- _____. *O Abade de Arcozello e o Público*. 1883.
- _____. *Biblioteca do povo e das escolas*. Coletâneas, 1887.
- MENEZES, Roni. *Reverberações do debate decadência/atraso em Portugal e no Brasil em fins dos oitocentos: histórias conectadas*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, 2011.
- NÓVOA, Antonio. (Dir.). *Dicionários de pedagogos portugueses*. Porto: Asa, 2003.
- REIS, Luiz Augusto. *O ensino público primário em Portugal, Hespanha, França e Bélgica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892.
- REVEL, Jacques. Entrevista a Andrea Daher Topoi. In: *Revista de história do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ*, n. 2, Rio de Janeiro, 2001.
- VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

Biblioteca Nacional de Lisboa

- Jornal A Federação Escolar – J785//19A – 1891.
- Jornal Primeiro de Janeiro – 1891.
- Jornal do Comércio – 1879.
- Revista Educação e Ensino – 1888

Torre do Tombo

- TORRE DO TOMBO, caixa 147.

CÂNDIDO MADUREIRA, THE ABBOT OF ARCOZELO: A STORY ABOUT READING AND WRITING MANUALS IN PORTUGAL (1891)

ABSTRACT

The report of the travel of Professor Luiz Reis to Europe in 1891 highlights the *Alphabeto Natural* of Cândido Madureira, the Abbot of Arcozello. This finding drew attention to the relationship between this reading manual and the *Cartilha Maternal* from João de Deus. The analysis of the pedagogical debate in the press pointed to the question of the authorship. To what extent can we be sure of the author of both authors? Arcozello, known by the academic community of his time as an important pedagogue in Portugal, was forgotten by the historiography. Whereas João de Deus, who had the originality of his method questioned, was broadly considered by the historians from Portugal. Thus, this study allowed an examination of the pedagogical debate in the XIX century, as well as of the complex net of relationships in which it was inserted.

Keywords: Abbot of Arcozello; João de Deus; Reading Manuals.

Recebido em junho de 2012

Aprovado em julho de 2012